

1.3.4.

Género e Tecnologias da Informação e da Comunicação

A importância das questões de género na utilização das TIC na escola tem sido largamente reconhecida, nomeadamente no que se refere à desejada igualdade de acesso e de oportunidades de utilização por todos os alunos e todas as alunas. Ao nível internacional, parece estar a diminuir o fosso existente no que se refere ao acesso e à utilização (em termos de quantidade) da Internet, ao mesmo tempo que o género parece permanecer um factor que afecta o envolvimento com as TIC, quaisquer que sejam os grupos socioeconómicos e educacionais que se considerem¹.

Na Noruega, a investigação sobre género e computadores remonta aos anos setenta do século passado. Neste contexto, Merete Lie (2003) constata que o género e as tecnologias se constroem mutuamente, explicando que os instrumentos que utilizamos são mais facilmente identificados como tecnologias quando associados aos homens, enquanto os instrumentos associados às

mulheres são mais facilmente classificados de outra forma (como electrodomésticos, por exemplo). Esta autora refere que, simultaneamente, as tecnologias se têm ligado às imagens masculinas e, ao estarem associadas de forma diferente a cada um dos sexos, têm significativa influência na construção da identidade de género.

A presente abordagem das relações entre género e TIC na educação, nomeadamente no terceiro ciclo do ensino básico, vai utilizar o conceito de género como um contínuo, salientando que as identidades de género são múltiplas e ultrapassando, assim, as dicotomias “feminino” versus “masculino”. Desta forma, e encarando a identidade de género como estando em permanente processo de construção, este texto visa contribuir para uma utilização das TIC que potencie uma maior qualidade e diversidade de experiências e de identidades tanto para as raparigas como para os rapazes.

Justine Cassell e Henry Jenkins (1998) têm sido pioneiros na investigação e divulgação desta perspectiva e das potencialidades das utilizações educativas das TIC que tornem possíveis e apoiem actividades de expressão que ultrapassem as categorias estereotipadas. Muitas/os outras/os autoras/es têm também enunciado os riscos de agravamento da

¹ SELWYN, Neil, FACER, Keri (2007), [em linha], disponível em www.futurelab.org.uk/resources/documents/lit_reviews/Citizenship_Review_update.pdf.

desigualdade de género por estereotipagem das características de utilização das TIC por raparigas e rapazes.

Existem, no entanto, abordagens alternativas que têm procurado equilibrar a maior utilização das TIC pelos rapazes, nomeadamente através da criação de produtos – programas informáticos (software) e sítios Web – específicos para raparigas. Esta estratégia de criação de produtos informáticos para raparigas tem, no entanto, a desvantagem de poder contribuir para o acentuar dos estereótipos de género e de poder discriminar as raparigas atribuindo-lhes uma relação “difícil” com as TIC. Parece, por isso, que as estratégias inclusivas de utilização das TIC devem privilegiar a flexibilidade dos produtos TIC, ou seja e conforme a definição dos mesmos autores, a oferta de oportunidades de expressão, de diversão e de realização individual e social à actual diversidade de crianças e jovens. Exemplos destes produtos são as Mensagens Instantâneas (*Messenger*) e as redes sociais como o *hi5* e o *MySpace*.

Um dos problemas mais descritos sobre as relações entre género e a utilização das TIC na educação resulta exactamente dos estereótipos de género. Por um lado, as

expectativas dos/as docentes são muito diferentes para rapazes e raparigas, em claro desfavor destas. Por outro lado, as raparigas têm uma percepção da relação entre género e utilização dos computadores que conduz, frequentemente, ou a acreditarem que não são boas com os computadores, ou a terem a ideia de que, se o são, isso está em contradição com a sua identidade de género.

A representação social de que os jogos de computador (do tipo jogos vídeo) são jogos de rapazes tem sido apontada por diversos/as investigadores/as e analistas como uma das principais causas desta percepção estereotipada das TIC. Tal representação tem vindo a acentuar-se em dimensões diversas. A indústria e o comércio têm reforçado a relação entre os jogos vídeos e os estereótipos relacionados com a masculinidade, não só no que se refere aos conteúdos dos referidos jogos, como à própria publicitação dos mesmos. Reporte-se, a título de exemplo: as características das personagens, maioritariamente masculinas e marcadamente estereotipadas em relação ao género, a divisão dos espaços comerciais destes produtos em zonas destinadas aos rapazes e zonas destinadas às raparigas; e a denominação claramente discriminatória do

popular brinquedo *Game Boy*.

Diversos estudos de carácter etnográfico desenvolvidos sobre este tema têm evidenciado uma outra causa de exclusão, por questões de género, nos ambientes relacionados com as TIC²: as raparigas não desejam e evitam ser associadas ao estereótipo de *nerd* ou de *geek*. Um/a *nerd* é alguém que desenvolve os seus interesses intelectuais – normalmente ligados às ciências exactas ou às tecnologias – com uma abordagem que pode ser denominada de “fixação” e/ou de “obsessão”. Um dos mais conhecidos exemplos de *nerd* é Bill Gates. Ao estereótipo de *nerd* está ligada uma aparência de timidez, de falta de competências sociais e de “fora de moda” (os óculos de aros grossos são um ícone destas personagens). Por outro lado, um/a *geek* é um/a *nerd* mais sociável, mais actual, mais ligado/a à tecnologia, e que recorre a técnicas de auto-promoção para alcançar o sucesso que deseja.

Em Portugal, segundo dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no ano lectivo de 2006/2007, apenas 15,4% do total de estudantes dos cursos superiores em TIC eram do sexo feminino. Note-se que esta percentagem tem vindo a baixar nos últimos anos (era

² Veja-se, por exemplo, o trabalho de Tove Håpnes e Bente Rasmussen em Merete Lie (2003).

Evolução da distribuição percentual de inscritos/as em TIC por ano lectivo e sexo

Sexo	1997/ 1998	1998/ 1999	1999/ 2000	2000/ 2001	2001/ 2002	2002/ 2003	2003/ 2004	2004/ 2005	2005/ 2006	2006/ 2007	2007/ 2008	TMCA
Femi- nino	21,0%	19,1%	18,0%	17,0%	16,6%	16,0%	15,9%	15,6%	15,9%	15,4%	15,4%	-3,35%
Mascu- lino	79,0%	80,9%	82,0%	83,0%	83,4%	84,0%	84,1%	84,4%	84,1%	84,6%	84,6%	0,75%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Evolução da distribuição percentual de inscritos no ensino superior por ano lectivo e sexo

Sexo	1997/ 1998	1998/ 1999	1999/ 2000	2000/ 2001	2001/ 2002	2002/ 2003	2003/ 2004	2004/ 2005	2005/ 2006	2006/ 2007	2007/ 2008	TMCA
Femi- nino	56,2%	56,0%	56,6%	57,1%	57,1%	56,7%	56,1%	55,6%	55,0%	53,7%	52,9%	-0,61%
Mascu- lino	43,8%	44,0%	43,4%	42,9%	42,9%	43,3%	43,9%	44,4%	45,0%	46,3%	47,1%	0,73%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

TMCA – taxa média de crescimento anual

Fonte: GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (2008), Oferta e Procura de Formação em TIC no Ensino Superior [1997-1998 a 2007-2008], p. 37, [em linha], disponível em http://www.gpeari.mctes.pt/archive/doc/TIC_1DEZ08.pdf, [consultado em Maio de 2009].

de 21% no ano lectivo de 1997/1998). Importa ainda destacar que a feminização dos diferentes cursos TIC é muito heterogénea, sendo superior nos cursos de design e multimédia e inferior nos cursos de engenharia informática.

Ao nível internacional, os números da feminização dos cursos superiores ligados às TIC são semelhantes. Mas nem sempre foi assim. No início do desenvolvimento das ciências da computação as mulheres tiveram um papel muito relevante, tendo a programação dos primeiros computadores electrónicos sido realizada por mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. Evidencia-se, assim, que as actuais relações das mulheres e dos homens com os computadores e as TIC resultam de fenómenos sociais relacionados com as questões de género. Jennifer Taylor (2005) realça que a inicial vantagem das mulheres na computação foi sendo reduzida devido a uma sociedade pós-guerra que tentava regressar à “normalidade”.

As tentativas de diminuir as desigualdades de género atrás expostas, nomeadamente no que

se refere aos jogos de vídeo e à participação das mulheres nos cursos relacionados com as TIC, não têm alcançado os objectivos desejados. Em contrapartida, parece existir consenso relativamente às vantagens de tornar visíveis as questões de género dentro das empresas e das instituições de ensino, quando se pretende a promoção da equidade. Vários estudos, desenvolvidos com o objectivo de evitar que os problemas de discriminação e desigualdade de oportunidades continuem a ser ignorados ou mal entendidos³, têm evidenciado a importância da monitorização e publicação dos dados relacionados com os números de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino nas diversas actividades, empregos e cargos, bem como a dimensão das oportunidades oferecidas às pessoas do sexo masculino em comparação com a dimensão das oferecidas às pessoas do sexo feminino⁴.

No que se refere aos/jovens em Portugal, os dados de um inquérito presencial e de um inquérito *on-line*, publicados no relatório *E-Generation*, coordenado por Gustavo Cardoso (2007), permitem constatar diferenças de

género quanto ao uso das TIC. Segundo os referidos dados, a Internet tem uma maior e mais importante presença na vida dos rapazes, enquanto o telemóvel parece assumir maior importância na vida das raparigas.

O referido inquérito presencial nacional refere uma maior fracção de inquiridos do sexo masculino que entram online todos os dias (cerca de 33%) e uma maior percentagem de utilizadores regulares (cerca de 91%), constatando que entre as jovens inquiridas, cerca de 29% usam a Internet todos os dias e que a fracção de utilizadoras regulares é de 80%. Adicionalmente, e face aos dados relativos ao acesso à Internet em casa e na escola, o estudo em apreço conclui que:

No geral, a escola tornou--se num espaço muito importante de integração e socialização dos/as jovens nas novas tecnologias da informação e comunicação, sendo portanto, um meio essencial de combate à info-exclusão de parte da população jovem. (Cardoso et al., 2007: 63) Uma análise mais fina dos resultados deste projecto *E-Generation* evidencia, no entanto, algumas clivagens na utilização das tecnologias de informação e comunicação por parte de raparigas e de rapazes que merecem ser tidas em conta na actividade docente, dado que as TIC são cada vez mais utilizadas em contextos curriculares alargados.

A análise de dados relativos às utilizações das TIC por raparigas e por rapazes permite a identificação de diferenças e semelhanças entre as mesmas.

No entanto, para que seja possível identificar situações de desigualdade de género, torna-se fundamental reflectir sobre as diferenças e semelhanças identificadas. Como se exemplificará seguidamente, nem todas as

diferenças são sinónimo de desigualdade e nem todas as semelhanças são sinónimo de igualdade.

A questão central é a de saber se as diferenças e semelhanças de utilização das TIC comprometem o acesso à informação, ou o desenvolvimento de competências de pesquisa e reflexão crítica sobre a mesma, ou ainda o desenvolvimento de competências de comunicação e colaboração em diversos contextos. Se tal acontecer, estar-se-á perante uma situação de desigualdade uma vez que o acesso à informação e as referidas competências que as TIC permitem desenvolver, para além de poderem contribuir para o sucesso escolar e a integração social das/os jovens, são actualmente muito valorizadas pelo mundo laboral.

Exemplificando, é importante salientar que as diferenças no acesso à Internet e a serviços de comunicação como o correio electrónico, as SMS ou as Mensagens Instantâneas podem indiciar desigualdades, dado que podem limitar o acesso à informação e à partilha da mesma. Para além da existência, ou não, de acesso, é necessário considerar a frequência do mesmo. As oportunidades de acesso à informação, nomeadamente para a realização de trabalhos escolares, são muito diferentes para quem apenas tem a possibilidade de aceder à Internet uma vez por semana na escola ou para quem pode aceder todos os dias na própria casa. Importa lembrar que os custos de acesso à Internet através dos telemóveis estão a diminuir a grande velocidade, e que, provavelmente, se tornarão acessíveis à maioria das pessoas dentro de pouco tempo.

Outras diferenças de utilização que podem indiciar potenciais desigualdades são as

³ Ver, a título de exemplo: *MIT Completes Ground-Breaking Studies on Status of Women Faculty*, [em linha], disponível em <http://web.mit.edu/newsoffice/2002/genderequity.html>, [consultado em Abril de 2009].

⁴ Estão disponíveis no sítio da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego várias publicações que explicitam este tipo de desigualdades com dados nacionais e actuais. CITE (COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO), [em linha], disponível em <http://www.cite.gov.pt/pt/acite/publicacoes.html>, [consultado em Junho de 2009].

que incluem operações de carácter mais relacionado com a informática, como, por exemplo, o descarregamento de ficheiros (*download*) ou a instalação de programas informáticos (*software*). Se, como acontece frequentemente, estas actividades forem consideradas masculinas e, conseqüentemente, forem mais realizadas por rapazes do que por raparigas, as oportunidades de acesso a recursos serão maiores para os rapazes do que as raparigas, uma vez que tais actividades tornam possível a utilização de uma maior diversidade de informação multimédia. Saliente-se, ainda, que aquele tipo de actividades é bastante valorizado em contextos laborais, dado que frequentemente permite solucionar problemas de funcionamento das TIC em “tempo útil” e em diferentes situações, como, por exemplo, na produção de documentação ou nas apresentações públicas.

Numa outra perspectiva, algumas diferenças de utilização poderão não criar desigualdades. A maior utilização de um serviço de comunicação em detrimento de outro (por exemplo do *Messenger* em detrimento dos Grupos de Discussão ou das Comunidades Virtuais, ou vice-versa) pode não comprometer o desenvolvimento de competências consideradas educacionalmente relevantes.

Muitas vezes, só uma abordagem mais contextualizada permite compreender este tipo de questões com alguma profundidade. O relatório *E-generation* disponibiliza e

Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens e Portugal: Alguns Excertos do Estudo E-Generation

“A utilização de novas ferramentas pedagógicas, como enciclopédias multimédia, software de processamento de texto, busca de informação útil em páginas na rede é uma realidade bastante presente entre os respondentes online e que permeia as suas tarefas escolares. Quase a totalidade dos inquiridos afirmam que usam um processador de texto para fazerem os seus trabalhos da escola e quase três quartos apresentam trabalhos através do PowerPoint ou de páginas Web, uma realidade que é diferente comparada com outros segmentos juvenis e com aquilo que acontecia há mais de 10 anos atrás. São um tipo de utilizadores que tiram mais partido de novos expedientes de aprendizagem como a resolução de problemas, questionários ou teste presentes online, que tendem a usar mais o computador para fazer exercícios com um CD- ou DVD-ROM ou para praticar e aprender uma língua estrangeira. Mas o computador também é uma forma de comunicação para falar sobre os estudos: cerca de 80% dos jovens internautas comunicam e pedem ajuda aos colegas em chats ou noutras formas de comunicação online e perto de um quarto contactam os professores.”

Gustavo Cardoso et al., 2007: 393-394.

“Se perguntarmos a um jovem o que está a fazer na internet, a grande probabilidade é que esteja a visitar páginas Web, a comunicar num chat ou no Messenger ou a ler o seu correio electrónico. Contudo, jogar online ou efectuar descarregamentos de música, software ou filmes são também práticas relevantes para uma fracção superior a 40% dos jovens inquiridos online. Quanto aos conteúdos que procuram na rede, a música surge à cabeça, seguido dos jogos, das informações desportivas e relacionadas com software e informática. Os conteúdos noticiosos, educativos, culturais e referentes a hobbies são os menos populares. Jogar online, descarregar música, software ou filmes e participar em fóruns ou grupos de discussão são actividades mais populares entre os jovens do sexo masculino do que entre as internautas. São também os rapazes, os que mais procuram informação na rede sobre desporto, jogos, software e informática, enquanto que as jovens internautas tendem a procurar conteúdos culturais, educativos e relacionados com música.”

Gustavo Cardoso et al., 2007: 394.

analisa, com algum detalhe, dados sobre as utilizações das TIC pelas/os jovens em Portugal. Não obstante, a realização de inquéritos na turma, e na escola, pode permitir uma discussão mais concreta sobre estas questões.

Num documento publicado por uma organização não lucrativa britânica denominada *Futurelab*, que tem como objectivo utilizar as potencialidades das TIC para melhorar a qualidade das aprendizagens, Neil Selwyn (2007) constata que, no âmbito da educação formal para a cidadania, as TIC têm sido utilizadas essencialmente como meios que facilitam: 1) o acesso e a utilização da informação; 2) a participação em debates públicos; 3) a publicação de informação, nomeadamente em páginas Web e blogues. Refere, ainda, a importância da utilização de *software* educativo quando se pretende simular contextos e problemas sociais, promovendo a discussão sobre os mesmos.

Em contextos escolares, o papel das/os professoras/es pode ser fundamental para o desenvolvimento de uma utilização das TIC que seja verdadeiramente inclusiva. A avaliação e selecção dos recursos TIC e as estratégias pedagógicas de utilização dos mesmos podem ser muito relevantes para ultrapassar o fosso digital criado pelas questões de género (*digital gender gap*). No entanto, importa realçar que uma abordagem integrada da relação entre as questões de género e as TIC torna necessária a inter-relação com uma série de outros factores de discriminação, nomeadamente os económicos, os culturais, os raciais e os étnicos.

O projecto SACAUSEF⁵ criou um conjunto de recursos integrados para apoiar a avaliação e a certificação de software e sítios Web destinados à educação em Portugal.

Neste projecto o género é uma das dimensões a considerar na avaliação dos recursos educativos informatizados. Os diversos Cadernos SACAUSEF⁶ e o *Guião de Apoio à Avaliação de Produtos Multimédia* (incluído no Caderno III) são materiais que podem ser utilizados pelas/os docentes nas complexas tarefas de avaliação, selecção de produtos TIC, bem como de concepção de estratégias de utilização curricular das TIC que sejam inclusivas em relação ao género.

Para além das actividades de comunicação desenvolvidas nas já mencionadas redes sociais, importa referir, a título de exemplo, que também a criação e o desenvolvimento de blogues têm evidenciado potencialidades na promoção da utilização das TIC por todas as alunas e por todos os alunos. As características dos blogues permitem uma grande diversidade de utilizações, nomeadamente no que se refere à publicação de material mais informativo ou mais pessoal, à maior ou menor sofisticação técnica e à manutenção, ou não, do anonimato das/os autoras/es, tendo, por isso, vindo a ser largamente usados, nacional e internacionalmente, por rapazes e raparigas, homens e mulheres.

Uma outra estratégia fundamental de promoção da inclusão em relação ao género é a de abordar as questões de segurança na Internet sem criar, como acontece frequentemente neste e noutros domínios, mais proibições às raparigas do que aos rapazes⁷. Tal como em todas as questões de segurança, a melhor estratégia será a de promover a reflexão, por cada rapariga e por cada rapaz, sobre os respectivos comportamentos de risco e as suas consequências, e sobre as formas mais adequadas de os prevenir, continuando a usufruir das potencialidades educativas das TIC.

⁵ Consultar em: <http://www.crie.min-edu.pt/index.php?section=92>

⁶ Disponíveis na mesma página.

⁷ Ver os estudos de Instituto de Estudos Jornalísticos, (2002); Gustavo Cardoso (coord.), Rita Espanha e Tiago Lapa (2007), [em linha], disponível em <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>.